

NOVA CRÔNICA – 2*

– O ano tem trezentos e sessenta e cinco dias, e sendo bissexto trezentos e sessenta e seis.

– Dois e dois são quatro (quando não são vinte e dois).

– Os liberais mordem nos conservadores, que estão de cima; os conservadores calcam os liberais que estão debaixo.¹

*
* *

– Então que é isto? diz o leitor, intrigado. São estas as novidades da crônica?!

– Se não estas, outras são, deste quilate, leitor amigo.

*
* *

Há doidos² inofensivos e há doidos diabólicos. Em uma noite³ desta semana apareceu na rua de Guanabara⁴ um da última espécie, que fez tropelias de sérias consequências.

Feriu gravemente um homem, e quebrou ou consentiu que lhe quebrassem uma perna.⁵

* A edição desta crônica foi preparada a partir de SI (nº 450, p. 3598, 25 jul. 1869). As abreviaturas utilizadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski.

¹ A atualização ortográfica fez desaparecer a oposição (paralelismo gráfico) entre “de cima” e “de baixo”, presente em SI.

² doidos] doudos (nesta e nas ocorrências seguintes da palavra) – em SI.

³ noite] noute – em SI.

⁴ Atual rua Pinheiro Machado, em Laranjeiras.

⁵ De fato, o *Diário do Rio de Janeiro* de 21 de julho, 4 dias antes da crônica, traz na primeira página esta notícia: “**Tentativa de assassinato.** – Ontem, pelas 7 horas da noite, João da Rosa Garcia entrou em uma casa à rua Guanabara, habitada pelas pretas livres Emília Prado de Sá e Francisca de tal, e apoderando-se de uma pistola que encontrou ali, obrigou aquelas pretas a recolherem-se a outra divisão da mesma casa, tomadas de terror e gritando por socorro. / À vista disto e do modo por que Garcia de uma janela da casa ameaçava aos transeuntes e às pessoas que se aglomeravam na rua, os portugueses José Mariano do Couto e Joaquim Francisco da Silva trataram de arrombar a porta principal da casa, e, conseguindo penetrar nela, recebeu Couto um tiro de pistola no rosto, dado pelo mencionado Rosa da Silva, que foi preso em flagrante”, etc.

*
* * *

Disseram-me que fugiu de uma casa de orates.⁶ Há doidos que fogem e doidos de quem se foge.

O mais original é que as armas, de que o alienado se serviu contra o povo, pertenciam a um agente da autoridade, o qual provavelmente patrulhava desarmado, tendo em casa as pistolas carregadas.

Um simples mortal possui armas para se defender dos malfeitores; um agente da força pública, que não é simples mortal, tem armas para nos proteger. Se nem para isso lhe servem, proponho que se suprimam.

*
* * *

Um amigo meu, célebre por seus paradoxos, dizia: Se é certo que os homens de estado fazem a felicidade dos povos, suprimam-se os homens de estado, e os povos serão felizes. Se os exércitos são a garantia da ordem, suprimam-se os exércitos e não haverá desordens. Se os diplomatas são os obreiros da paz, suprimam-se os diplomatas, e cessarão as guerras. Se os tribunais são os distribuidores da justiça, suprimam-se os tribunais, e não mais haverá injustiças. Se a polícia deve proteger os homens honestos, suprima-se a polícia, e desaparecerão os tratantes.

*Questo é troppo!*⁷ dirá o leitor que é freguês da companhia italiana.⁸ Será, sim senhor; mas eu apresentei o meu amigo, como grande fabricante de paradoxos.⁹

*
* * *

Acrescentava o mesmo indivíduo que o orbe terráqueo é uma grande casa com cinco andares, que são as cinco partes do mundo. Cada país é um quarto, excetuando a Inglaterra que é o escritório, a Itália que é a estufa, a França que é a sala de visitas, e o Brasil que é um salão deserto, destinado a encher-se quando chegar a noite do grande baile prometido pelo proprietário. O proprietário chama-se Deus; e não paga imposto, por não ser conhecido dos lançadores.

Sendo assim, os inquilinos da casa constituem uma família, cujos membros saem às vezes dos seus aposentos para brigarem nos corredores. O mais valente ou o mais atrevido penetra no quarto do adversário e quebra-lhe o espelho e a louça do lavatório.

Cumpro dizer que há no prédio uma velha ratazana, chamada Diplomacia, que passeia por toda a casa e está infalivelmente no aposento invadido... mas escondida

⁶ Casa de loucos, ou seja, hospício.

⁷ *Questo é troppo!*] *Questo é troppo!* – em SI. Isto é demais.

⁸ A companhia teatral citada na crônica anterior.

⁹ paradoxos] paradoxos – em SI.

debaixo da cama. Quando está tudo em cacos, e não há nada mais a quebrar, sai ela então e diz, segundo a catadura do agressor, e a força do agredido: “Pague a louça!” e o outro responde arrependido: “Pago a louça.” Ou: “Não pague a louça!” e o outro brada muito concho: “Não pago a louça.”

Esta alegoria da louça funda-se em que o homem foi feito¹⁰ de barro.

*
* *

Ora, sendo os homens da mesma família, para que toda esta invenção de mandarins e servos? de intrigantes e intrigados? de espertos e tolos? Se a natureza não permite que todos sejamos espertos, sejamos todos tolos e seremos felizes. Mas antes de tudo, mate-se a ratazana.

*
* *

A conclusão do homem era que o mundo fosse um município.
Este vai muito mais longe do que o Sr. ministro do Império.
Recomendo-o à polícia sanitária.¹¹

SILENO.

Abreviaturas utilizadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 450, p. 3598, 25 jul. 1869.

¹⁰ feito] feito – em SI.

¹¹ Esta crônica exhibe o espírito de *nonsense* presente em certos textos de Machado e que atinge seu paroxismo em *O alienista*.